

Dois poetas da «Fénix Renascida» : António Barbosa Bacelar e Francisco de Vasconcelos

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Dois poetas da «Fénix Renascida» : António Barbosa Bacelar e Francisco de Vasconcelos", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 267-272.

DOIS POETAS DA «FÉNIX RENASCIDA»:

António Barbosa Bacelar e Francisco de Vasconcelos

DO mesmo modo que *reduzimos*, na última emissão, apenas a dois exemplos os inúmeros casos de poetas satíricos do nosso século xvii — hoje vamos também *resumir*, em dois únicos nomes, a infindável massa da poesia lírica da época e, sobretudo, a que veio a ser reunida nos volumes da *Fénix Renascida*, publicados já no primeiro quartel do século seguinte.

Como se sabe, é geralmente negativa a opinião dominante acerca desta colectânea; mas eu creio que devemos, antes de mais nada, sentirmo-nos muito gratos ao homem que a realizou — Matias Pereira da Silva —, porque, sem ele, não disporíamos hoje desta oportunidade (que nós, portugueses, tanto apreciamos) de poder dizer mal de uma coisa que quase não conhecemos. É um facto: a *Fénix Renascida* tem sido um permanente bombo de festa; ou melhor: uma condenada por sucessivos tribunais — que nem se dão ao trabalho de lhe ler o processo ou que tratam então de o ler com um espírito já viciado. Por outras palavras: como se convencionou, logo desde o século xviii, que se tratava de uma colectânea de poesia muito má, muito ridícula, muito alambicada — a maior parte dos investigadores (mas tem havido, felizmente, excepções) tem-se empenhado em só lá ir buscar as composições que melhor ilustrem os tais ridículos. A verdade, no entanto, é que a poesia da *Fénix Renascida*, no seu conjunto, é tão má — ou tão boa — em relação à época que abrange como a poesia do Cancioneiro de Resende em relação à produção de dois séculos antes. A colectânea é igualmente caótica, igualmente mal organizada, igualmente mesclada de coisas frívolas, de coisas sérias, de coisas baças, de coisas brilhantes, de coisas enfadonhas, de coisas saborosas... Simplesmente, a respeito do *Cancioneiro Geral*, é de bom tom a mais generosa das compreensões; a respeito da *Fénix*, é de regra a chacota — quando não o chicote. Ora eu creio, pela minha parte, que o que importa é folheá-la com olhos desprevenidos, lê-la com olhos atentos — e procurar, antes de mais, *recuperar* aquilo que é recuperável. Na inevitável modéstia deste programa, é isso mesmo que vamos tentar hoje aqui. E vamos fazê-lo, exclusivamente, em relação a dois poetas da vultuosa antologia (cinco volumes ao todo) e, exclusivamente, através de meia-dúzia de sonetos com que ambos lá se encontram representados.

O primeiro poeta que decidimos *recuperar* (ou que achamos justo que seja *recuperado*) chama-se António Barbosa Bacelar. Bastar-nos-á saber, a seu respei-

to, que nasceu em Lisboa em 1610, que se doutorou em Coimbra, que aí foi professor durante 14 anos, que mais tarde entrou para a magistratura, tendo desempenhado funções em Castelo Branco, em Évora, no Porto e finalmente em Lisboa onde veio a morrer em 1663. Mas, muito melhor do que estes frios dados, dele nos falará aquilo que escreveu. Por exemplo: este soneto que, sendo tipicamente barroco, é já profundamente «romântico» no melhor sentido do termo e cuja perfeição, rematando no belo verso final, não desmerece de modo algum se o compararmos com qualquer soneto dos grandes sonetistas portugueses.

*O Sofrimento meu cordeiro mudo,
Por minha própria mão sacrificado,
Nunca pode deter o golpe irado,
Nem pode suspender o ferro agudo:*

*Inocência não vale, nem monta estudo,
Onde serve a razão, domina o fado,
Que é infeliz às vezes o cuidado,
Que é venturoso às vezes o descuido:*

*Pois não vale o silêncio reverente,
Quero ver se o meu grito o bem me apura,
Se um queixume falado se consente,*

*Mas ai! que cansa em vão, quem bem procura,
Que é mártir cada qual do mal, que sente,
Ninguém é arquitecto da ventura.*

Mas vejamos já outro soneto do Doutor António Barbosa Bacelar — dedicado «à variedade do mundo» — e em que é verdadeiramente notável a capacidade de concisão, de concentração de realidades muito diferentes:

*Este nasce, outro morre, acolá soa
Um ribeiro que corre, aqui suave,
Um Rouxinol se queixa brando, e grave,
Um Leão co rugido o monte atroa:*

*Aqui corre uma fera, acolá voa
Co grãozinho na boca ao ninho uma ave;
Um derruba o edifício, outro ergue a trave,
Um caça, outro pesca, outro enferroa.*

*Um nas armas se alista, outro as pendura,
Ao soberbo Ministro aquele adora,
Outro segue do Paço a sombra amada.*

*Este muda de amor, aquele atura:
Do bem, de que um se alegra, o outro chora.
Oh mundo, oh sombra, oh zombaria, oh nada!*

Finalmente, um terceiro soneto do Doutor António Barbosa Bacelar (e eu creio, sinceramente, que vale a pena fixar este nome). É, sob o aspecto formal, o mais barroco de todos eles. Construído em torno de cinco palavras — «bem», «mal», «dor», «morte», «inferno» —, essas cinco palavras aparecem sempre em lugares diferentes das sucessivas estrofes (as duas quadras e o primeiro terceto) para depois reaparecerem, no último verso, através de uma rigorosa enumeração que engloba todo o conjunto:

*O bem passado que é? é mal presente,
O mal presente que é? é dor esquiva,
A dor esquiva que é? é morte viva,
A morte viva que é? inferno ardente,*

*Com mal quem poderá viver contente,
Com dor quem haverá que alegre viva,
Com morte quem não tem pena excessiva,
Com inferno quem vive alegremente?*

*Por bem passado, mal vou padecendo,
Por alegria dor, por vida morte,
Com glória o mesmo inferno estou sofrendo:*

*Mas ah, peito cruel, que ainda é mais forte
A dura condição, que em ti estou vendo,
Que bem, e mal, e dor, inferno, e morte.*

Quanto ao segundo poeta da *Fénix Renascida* que tentaremos recuperar, trata-se, em boa verdade, de uma *re-recuperação*. Com efeito, já lhe consagrei, há perto de dez anos, um pequeno estudo, que depois incluí no volume *Hospital das Letras*. Ora bem: para não vir agora para aqui plagiar-me, tratarei pura e simplesmente de me citar — o que me parece muito mais honesto:

Francisco de Vasconcelos Coutinho, de seu nome completo, foi devidamente identificado, em 1931, pelo poeta Cabral do Nascimento, que no *Arquivo Histórico da Madeira* (vol. I, n.º 2, p. 52-62) lhe traçou a sumária biografia. Ficou a saber-se, desde então, que este Francisco de Vasconcelos nasceu no Funchal em 1665, que estudou em Coimbra entre 1686 e 1696, que foi nomeado ouvidor da Capitania do Funchal em 1697 e que veio a morrer na mesma cidade em 1723, já depois da edição da *Fénix Renascida*.

Postumamente, em 1729, seriam publicados dois livros de sua autoria: *Feudo do Parnaso* e *Hecatombe Métrica*.

Os títulos não são lá grande coisa... Mas, felizmente, as poesias eram bastante melhores e, dentre elas, sobretudo os sonetos bem merecem ser exumados do injusto esquecimento em que jazem. Recordemos, por exemplo, aquele em que se dirige «a um rouxinol cantando» e em que logo a dupla metáfora do verso inicial dá bem a medida do sortilégio que ele era capaz de comunicar:

*Ramalhete animado, flor do vento,
Que alegremente teus ciúmes choras,
Tu, cantando teu mal, teu mal melhoras,
Eu, chorando meu mal, meu mal aumento.*

*Eu digo minha dor ao sofrimento,
Tu cantas teu pesar a quem namoras,
Tu esperas o bem todas as horas,
Eu temo qualquer mal todo o momento.*

*Ambos agora estamos padecendo
Por decreto cruel do deus menino;
Mas eu padeço mais, só porque entendo:*

*Que é tão duro, e cruel o meu destino,
Que tu choras o mal, que estás sofrendo,
Eu choro o mal, que sofro, e que imagino.*

E continuarei a citar-me:

A maior acusação que geralmente se dirige contra o Barroco é a da frivolidade. Mas serão acaso frívolas as conclusões a que se chega no soneto apresentado? Será inteiramente frívola a comparação antitética em que ele se desenvolve — se, no fim, o poeta descobre que «padece mais, só porque entende» e que «chora o mal que sofre, e que imagina»? Não são antes verdades de carácter permanente e que iluminam, a seu modo, a condição humana? Podem aliás vislumbrar-se, neste soneto, reflexos do estro camoniano e, ao mesmo tempo, prenúncios pré-românticos — aspectos estes que fazem de um autor como Francisco de Vasconcelos um elo indispensável naquela cadeia, que geralmente se julga quebrada — e que é afinal contínua —, da poesia portuguesa do século XVI aos fins do século XVIII.

Mas abandonarei agora todas as citações (auto-citações...) para lembrar, sem comentários prévios, o mais célebre dos sonetos de Francisco de Vasconcelos, o único que tem merecido, até agora, a honra de figurar em algumas antologias:

*Esse baixel nas praias derrotado
Foi nas ondas Narciso presumido;
Esse farol nos céus escurecido
Foi do monte libré, gala do prado;*

*Esse nâcar em cinzas desatado
Foi vistoso pavão de Abril florido;
Esse Estio em vesúvios encendido
Foi Zéfiro suave, em doce agrado.*

*Se a nau, o Sol, a rosa, a Primavera,
Estrago, eclipse, cinza, ardor cruel
Sentem nos auges de um alento vago,*

*Olba, cego mortal, e considera
Que és rosa, Primavera, Sol, Baixel,
Para ser cinza, eclipse, incêndio, estrago.*

Serão precisos comentários? Creio que se trata de um dos mais belos e rigorosos sonetos de toda a poesia portuguesa, dentro de uma expressão ao mesmo tempo enigmática e sumptuária, em que os quatro exemplos apresentados — o baixel (ou seja: o barco), o sol, a rosa e a primavera — correspondem aos quatro elementos da cosmogonia tradicional (isto é: da tradicional concepção do mundo) e servem, por outro lado, de ilustrações da «fragilidade da vida humana». Além disso, as inúmeras figuras retóricas que o soneto mobiliza fazem dele um espantoso mostuário, extremamente condensado, da poética barroca. Mas não desejo embrenhar-me por considerações deste género...

Gostaria antes de acrescentar a António Barbosa Bacelar e Francisco de Vasconcelos o nome de Soror Violante do Céu, poetisa que também figura na *Fénix Renascida* e a quem já dedicámos um programa. Vamos lembrá-la através deste soneto então apresentado:

*Amor, se ãa mudança imaginada
é já com tal rigor minha homicida,
que será se passar de ser temida
a ser como temida averiguada?*

*Se só por ser de mim tão receada,
com dura execução me tira a vida,*

*que fará se chegar a ser sabida?
que fará se passar de suspeitada?*

*Porém se já me mata, sendo incerta,
somente imaginá-la, e presumi-la,
claro está (pois da vida o fio corta),*

*Que me fará depois, quando for certa?
ou tornar a viver, para senti-la,
ou senti-la também depois de morta.*